A HUMANIZAÇÃO DO HOMEM PELO TRABALHO E SUA EXPLICITAÇÃO PELA ARTE

Griziele Martins Feitosa*

RESUMO

Neste texto, objetivamos apresentar nossos estudos acerca da atividade humana denominada *trabalho*, pois, entendemos que somente o discurso, as idéias, não podem mudar a prática social excludente. É preciso marcar o que entendemos por trabalho, uma atividade essencial que move os homens atuais. Por esse caminho, consideramos que antes de discutirem a deficiência e a não-deficiência, os psicólogos e educadores devem falar de como os homens têm entrado numa lida concorrencial e o que isso têm lhes causado. Com isso, procuramos por elementos que nos permitam compreender de modo mais lógico e articulado o mundo no qual vivemos e que reproduzimos. Além disso, também pretendemos apresentar considerações de como os homens se tornam caracterizados por sua época ao estabelecer mediações com as produções humanas ciência, artes.

PALAVRAS-CHAVES: Trabalho, Arte, Humanização.

ABSTRACT

In this paper, we aimed to present our studies about the human activity called work because we understand that only speech, ideas, can not change the exclusionary social practice. We need to mark what we mean by work, an essential activity that moves the current men. By this way, we consider that before discussing disability and non-disability, psychologists and educators should talk about how men have entered a competitive deal and the consequences. With that, we look for elements that allow us to understand more logical and articulate manner the world in which we live and reproduce. In addition, we also intend to introduce considerations of how men are characterized by its time in establishing mediation with human productions science, arts.

KEYWORDS: Work, Arts, Humanization.

* Graduada e Pós Graduada em psicologia pela Universidade Estadual de Maringá. Professora do colegiado de psicologia da Faculdade Unicampo. Membro do Diretório de Vigotski.

O TRABALHO COMO HUMANIZADOR

De início, destacamos que a palavra “trabalho” tem assumido a conotação de algo ruim, pesaroso, cansativo, como pode ser constatado em conversas coloquiais, na mídia , etc. Mas, por outro lado, ela representa o sonho daqueles que se vêem à sua margem, sendo por isso alvo central de propostas eleitorais. A esse respeito, Brecht escreveu:

> Esse Desemprego!
>
> Meus senhores, é mesmo um problema
> Esse desemprego!
> Com satisfação acolhemos
> Toda oportunidade
> De discutir a questão.
> Quando queiram os senhores!
> A todo momento!
> Pois o desemprego é para o povo
> Um enfraquecimento.
> Para nós é inexplicável
> Tanto desemprego.
> Algo realmente lamentável
> Que só traz desassossego.
> Mas não se deve na verdade
> Dizer que é inexplicável
> Pois pode ser fatal
> Dificilmente nos pode trazer
> A confiança das massas
> Para nós imprescindível.
> É preciso que nos deixem valer
> Pois seria mais que temível
> Permitir ao caos vencer
> Num tempo tão pouco esclarecido!
> Algo assim não se pode conceber
> Com esse desemprego!
> Ou qual a sua opinião?
> Só nos pode convir
> Esta opinião: o problema
> Assim como veio, deve sumir.
> Mas a questão é: nosso desemprego
> Não será solucionado
> Enquanto os senhores não
> Ficarem desempregados! (BRECHT, 2004, s.p.)

Como em todo texto poético, nesse poema de Brecht, pensamos que a metáfora atinge outros níveis, que nem sempre a palavra explícita alcança por conta dos muros já erguidos. No entanto, a partir da nossa temática, abrimos um viés para uma leitura história desse texto.

Desse modo, acreditamos que estamos falando aqui não do trabalho na sua forma assalariada, mas como forma de toda atividade humana pela qual o homem apreende, transforma e é transformado dialeticamente, e que, segundo Kuenzer (2002), é a categoria que se constitui no fundamento do processo de elaboração do conhecimento. Então, [...] o trabalho se constitui como o momento de articulação entre subjetividade e objetivação, entre a consciência e o mundo da produção, concebidos não como dois pólos antagônicos, mas como os contrários da relação da dialética que define o objeto como produto da atividade subjetiva, compreendida por sua vez não abstratamente, mas como atividade real , material. (MARX e ENGELS, s. d, p. 208).

Entendemos, portanto, que, por meio do trabalho, o homem sobrevive e transforma a natureza. Por ele, conseqüentemente se articulam teoria e prática dialeticamente relacionados no processo de construção do conhecimento e da transformação da realidade. Ora, isso decorre porque o trabalho reflete e provoca a engenhosidade que é própria ao homem, isto é, ele oportuniza ao homem constituir-se de fato em gênero humano. Marx aponta a especificidade do homem ante o reino animal, justamente pela sua capacidade de submeter à natureza e antever seus movimentos – pelo trabalho.

> A aranha realiza operações que lembram o tecelão, e as caixas suspensas que as abelhas constroem envergonham o trabalho de muitos arquitetos. Mas até mesmo o pior dos arquitetos difere, de início, da mais hábil das abelhas, pelo fato de que, antes de fazer uma caixa de madeira, ele já a construiu mentalmente. No final do processo de trabalho, ele obtém um resultado que já existia em sua mente antes de ele começar a construção. O arquiteto não só modifica a forma que lhe foi dada pela natureza, dentro das restrições impostas pela natureza, como também realiza um plano que lhe é próprio, definindo os meios e o caráter da atividade aos quais ele deve subordinar sua vontade. (MARX, 1994, p. 202)

Assim, transformar a natureza não significa apenas cortar árvores, canalizar rios. Antes, significa toda ação humana que submete as intempéries e o ciclo da natureza ao seu controle, iniciado pelo domínio que o conhecimento oportuniza. Por esse modo, o homem, ao dominar o mundo que o cerca, e no qual se insere, é por ele transformado, de modo físico e em seu psiquismo. “Não existe atividade humana na qual se possa excluir toda e qualquer atividade intelectual, ou atividade intelectual

que não envolva algum tipo de esforço físico ou atividade manual" (KUENZER, 2002, p. 185).

Nesse caso, é importante ressaltar que a história humana é subdividida didaticamente em diferentes ciclos ou épocas. Essa divisão é feita a partir de como a humanidade organiza a sobrevivência, como sistematiza o mundo do trabalho. O período a partir do século XV já apresenta um modo de sobrevivência que não é o de mero explorar da natureza, mas de explorar o homem que explora a natureza, pela compra da sua mão-de-obra. De forma resumida a esse modo de vida, de produção, denominamos capitalismo.

No modo capitalista, o trabalho passou a não somente produzir resultantes para valor de uso, mas segundo o valor de troca possível entre os homens. Na sociedade moderna, são evidentes acontecimentos ou fatos como: a crise do feudalismo, a acumulação primitiva de capital, o mercantilismo e colonização mercantilista, a constituição dos Estados Modernos, o absolutismo, as crises da fé na cristandade ocidental, a Reforma Luterana, o Renascimento e Humanismo. Mas, principalmente, o modo de se manter a sobrevivência pelo mercadejar e pelo produzir indo do artesanato para a manufatura, e desta, posteriormente para as formas mais rudimentares da industrialização. O capitalismo pauta-se no modo de produção em que

> [...] o capital, sob suas diferentes formas é o principal meio de produção. O capital pode tomar a forma de dinheiro ou crédito para a compra da força de trabalho e dos materiais necessários à produção, a forma de maquinaria física (o capital em sentido estrito) ou, finalmente, a forma de estoques, de bens acabados ou de trabalho em processo. Qualquer que seja sua forma é a propriedade privada do capital nas mãos de uma classe, a classe dos capitalistas, com a exclusão do restante da população que constitui a característica básica do capitalismo como modo de produção (BOTTOMORE, 2001, p. 51).

Por essa lógica capitalista, fica aceito o *contrato* de que os indivíduos são livres para acumularem bens e mercadorias[1], produtos resultantes do trabalho que são reconhecidos pelo valor de troca que o mercado lhes confere), vender produtos e força de trabalho, etc.

Entendemos que Brecht e Marx defendia o *desemprego* do modo como o faz, num movimento de superação da sociedade capitalista, que divide o trabalho em intelectual e manual, vejamos o que nos fala Marx:

> A distinção entre trabalho intelectual e manual, a partir do qual se pretende definir a ação do operário como não intelectual, ocorre, portanto, ao nível das relações Sociais em que se separa o que, no trabalho humano, é inseparável: decisão e ação. E a partir dessa cisão que a consciência passa a supor-se como superior e separa da consciência da prática existente, perdendo sua possibilidade de representar o real; ou seja, é a partir desse momento que o trabalho intelectual se separa do manual sobrepondo-se à realidade e reificando-se, emancipando-se do mundo de constituindo-se como teoria pura, como resultado, as atividades intelectuais e manuais, o gozo e o trabalho, a produção e o consumo, passam a caber a indivíduos distintos (MARX e ENGELS, s.d., p. 37-38).

Portanto, a divisão do trabalho se dá por meio das relações sociais, e à *ação* fica em detrimento à *decisão*, o homem que executa não é mais o mesmo que planeja, nem o que consome é o que produz. Dividiu-se tudo até a satisfação e o trabalho. E esse homem sem satisfação, precisa buscar formas de suprir as suas necessidades biológicas, dentro de uma sociedade fragmentada. Esta forma de trabalho, imbuída nas contradições capitalista, nos dá subsídios para ler a sociedade que transforma e é transformada numa relação dialética através da atividade *humanizadora/desumanizante*. O trabalho que humaniza é fundamental, segundo Leontiev:

> Pela sua atividade, os homens não fazem senão adaptar-se à natureza. Eles modificam-na em função do desenvolvimento das suas necessidades. Criam os objetos que devem satisfazer as suas necessidades e igualmente os meios de produção destes objetos,

[1] A mercadoria. "(...) é a forma que os produtos tomam quando essa produção é organizada por meio de troca. Nesse sistema, uma vez criados, os produtos são propriedades de agentes particulares que têm o poder de dispor deles tranferindo-os a outros agentes"(Bottomore,2001 p.265)

> dos instrumentos às máquinas mais complexas. Constroem habitações, produzem as suas roupas e outros bens materiais. Os processos realizados na produção de bens materiais são acompanhados pelo desenvolvimento da cultura dos homens; o seu conhecimento do mundo circundante e deles mesmos enriquece-se, desenvolvem-se a ciência e a arte. Ao mesmo tempo, no decurso da atividade dos homens, as suas aptidões, os seus conhecimentos e o seu saber-fazer cristalizam-se de certa maneira nos seus produtos (materiais, intelectuais, ideais). Razão por que todo o progresso no aperfeiçoamento, por exemplos dos instrumentos de trabalho pode considerar-se, deste ponto de vista, como marcando um novo grau do desenvolvimento histórico nas aptidões motoras do homem, também a complexificação da fonética das línguas encarna os progressos realizados na articulação dos sons e do ouvido verbal, os progressos das obras de arte, um desenvolvimento estético, etc.(LEONTIEV, 1978, p.265)

A divisão do indivisível, como diz Marx, transforma o produto do trabalho num objeto destinado a troca o que *perverte* radicalmente o sentido deste. Segundo Leontiev, se o produto é resultante da atividade do homem "[...] não é menos verdade que o caráter concreto desta atividade se apague nele: o produto toma um caráter totalmente impessoal e começa a sua vida própria, independentemente do homem, a sua vida de mercadoria" (LEONTIEV,1978, p.275).Com tudo, os únicos habitantes do planeta que são criadores, não se reconhecem mais nas suas criações, e contraditoriamente se *humanizam*, transmitindo as gerações vindouras todo o conhecimento produzido pela humanidade, que multiplicam e aperfeiçoam, pelo trabalho o que lhes foi transmitido. Assim, segundo Leontiev, o homem constrói a sua natureza. E qual a natureza do homem contemporâneo? Será que nós enquanto homens do nosso tempo, estamos divididos? Insatisfeitos? Estimulados a consumir cada vez mais, e sem condições materiais para tanto? Pensamos que sim. E a concentração das riquezas materiais nas mãos de poucos é acompanhada pela cultura. E nós trabalhadores, devemos nos contentar com o mínimo de desenvolvimento necessário para a produção. Nas palavras de Leontiev:

> Como a maioria dominante possui não apenas os meios de produção material, mas também a maior parte dos meios de produção e de difusão da cultura intelectual e se esforça por os colocar ao serviço dos seus interesses, produz-se uma estratificação desta cultura. Enquanto no domínio das ciências que asseguram o processo técnico se verifica uma acumulação rápida de conhecimentos

> positivos, no domínio, que toca ao homem e à sociedade, à sua natureza e essência, às forças que os fazem avançar e ao seu futuro nos domínios dos ideais morais e estéticos, o desenvolvimento segue duas vias radicalmente diferentes. Uma tende para acumular as riquezas intelectuais, as ideais, os conhecimentos e os ideais que encarnaram o que há de verdadeiramente humano no homem e iluminam os caminhos do progresso histórico: ela reflete os interesses e as aspirações da maioria. A outra tende para a criação de concepções cognitivas, morais e estéticas que servem os interesses das classes dominantes e são destinados a justificar e perpetuar a ordem social existente, em desviar as massas da sua luta pela justiça igualmente e liberdade, anestesiando e paralisando a sua vontade. O choque destas duas tendências provoca aquilo a que se chama a luta ideológica (LEONTIEV, 1978, p.276).

Com base nos escritos de Leontiev, entendemos que uma forma de superação dessas relações fragmentadas está na educação. Esta pode superar a forma mutilada de trabalho, promovendo um desenvolvimento que possibilite ao homem a sua participação enquanto criador das atividades humanas. Dentro deste processo teremos trabalhadores e intelectuais, mais eficazes em uma prática revolucionaria, quanto mais souberem ler e compreender o presente a partir do passado, enxergando-se como parte de um processo histórico. Para tanto, faz-se necessário que a forma de educação burguesa seja superada. A esse respeito kuenzer (2002, p. 183), nos escreve:

> [...] o capital, segundo suas necessidades, contraditórias, de por um lado exercer dominação pelo controle do saber, e por outro de se utilizar do saber do operário como força produtiva, ora nega, ora afirma o saber do operário, utilizando-se para isso de critérios de valorização e desvalorização do saber teórico e do saber prático, que também são utilizados diferentemente nas distintas circunstancias.

É dentro deste processo histórico, que o homem, criando condições para sua existência, estabelece relações, se produz e elabora conhecimento, transforma e é transformado, constitui-se como determinante e determinado, nas relações sociais. Queremos dizer com isso, que o conhecimento é construído, como síntese das relações sociais estabelecidas na prática produtiva em determinado momento histórico.

> Se o conhecimento é, portanto, elaborado socialmente a partir do trabalho dos homens que estabeleçam relações entre si na produção da existência, processo pelo qual se constitui a sua consciência, é inegável o fato de que o operário produz conhecimento. (KUENZER, 2002, p.183).

A construção do conhecimento se dá da mesma forma para trabalhadores e para a burguesia, por meio das relações objetivas, o que é fundamentalmente diferente é a forma pela qual a consciência se transforma em realidade, esta ocorre por meio da função que cada um ocupa no processo produtivo. Historicamente não tem sido promovido aos trabalhadores acesso as produções culturais elaboras no desenvolvimento da humanidade, é dessa forma que os detentores do poder exercem sua condição de dominação. Através destas constatações, entendemos que quando o poeta por meio da arte nos diz que o "[...] nosso desemprego/Não será solucionado/Enquanto os senhores não/Ficarem desempregados!" (BRECHT, 2004, s.p.).

Refere-se, a necessidade de possibilitar ao trabalhador, se enxergarem como criadores e não apenas como criaturas.Possibilitando ao homem como diz Leontiev, uma atividade que humaniza, como sujeito histórico produtor de saber, pois o trabalho é parte de um trabalho social e, portanto coletivo.Finalizando o trabalho deve perpassar a condição de assegurar a sobrevivência, e assumir o caráter de atividade que possibilita ao homem desenvolver as suas potencialidades.

A ARTE COMO ATIVIDADE DE HUMANIZAÇÃO

Neste item apresentaremos aos leitores qual o conceito de arte estamos adotando, e porque enxergamos a arte como atividade humanizante**.** "[...] olhamos para a produção artística para observarmos como ele {o homem} se retrata através dela [...] olhar para a criação mirando o homem criador" (BARROCO, 2001, p.19-20). A produção artística é uma atividade temporal, social e individual, objetiva e subjetiva, constituída no cerne das relações sociais. Nas palavras de Sève(1989, p. 157):

> (...)essa soma de forças de produção, de capitais, de formas de relações sociais que cada indivíduo e de cada geração encontram como dados existentes. Denomino formas históricas de individualidade todas essas relações sociais, na medida em que regem as maneiras variáveis pelas quais os seres humanos se tornam personalidades no decorrer de sua biografia singular e na medida em que são as 'formas necessárias nas quais sua atividade material e individual se realiza', de acordo com os próprios termos de Marx.(Seve, 1989, p. 157)

A arte não deve ser reduzida ao inconsciente[2] do artista. Segundo Vygotsky,é preciso " levar em conta também a consciência não como fator meramente passivo mas como fator autônomo ativo". Adiante "a arte nunca poderá ser explicada a partir de um pequeno círculo da vida individual, mas requer forçosamente a explicação de um grande ciclo de vida social" (VIGOTSKY,1998, p.98-99). A produção artística, dentro de uma leitura histórica e dialética, nos possibilita o entendimento das relações sociais, em relação a estética e, podendo expor tendências comportamentais. (BARROCO, 2001).

> (...)se os sentidos humanos, apresentam na obra de arte, podem ser individuais (ao autor/espectador), por outro lado, dizem respeito a um ser que se faz pelas relações socais e, portanto, apreende um *quantum* de sociedade. Na verdade, a arte não se restringe a revelar apenas os indivíduos em um momento, em uma ação ou situação. Ela se abre para revelar indivíduos que são gestados por uma dada sociedade, e que, a partir daí, são constituídos e representados de uma ou outra maneira. Assim, a arte, enquanto produção que contém as relações sociais nas quais se concretizam os sentidos consegue objetivar, isso é, apreender e tomar mais visível, as questões subjetivas, intrínsecas conectadas às situações sócias, que oferecem momentos de dificuldade ou de prazer. Por esse encaminhamento teórico, foi possível a Vygotsky pensar aspectos importantes da relação Psicologia e Arte (arte e socialização, arte e vida, arte e catarse; produção comum; evidência da contradição no enredo e na forma; sensação, percepção e emoção). (Barroco, 2001, p.11)

[2] Acreditamos que o inconsciente se constitui dentro das relações sociais estabelecidas.

Entendemos, que por meio do O trabalho como determinante das transformações, do modo de vida do homem, possibilita o entendimento do movimento percorrido pelo individuo que resulta na expressão pela arte.

> Tal como Leontiev, os demais autores da perspectiva histórico-cultural entendem, a partir de Marx, que o trabalho humano é que viabilizou todas as formas de interação e de produção material e simbólica, que se desenvolveu ao longo da história dos homens. Através dele, todo um aparato de instrumentos e signos passou a ser criado, mediando a relação homem-natureza. Podemos, então, dizer que a apropriação dos processos e produtos construídos pela humanidade permite que o individuo seja, além de um representante da *espécie* humana, um ser genérico, um ser do gênero humano. Ou, ainda, que a apropriação dos bens e recursos materiais e simbólicos dispostos numa sociedade permite que um indivíduo torna-se um homem de seu tempo, que se torne humanizado. (BARROCO, 2001, p.14).

Desta forma o homem vai esculpindo, nos produtos criados, a sua história, portanto a arte deve ser entendida como atividade que leva o homem a humanização. Enquanto produção humana, a arte pode ser interpretada, através de uma perspectivada de vida em sociedade "[...] no exercício de explicar o homem naquilo que o torna diferenciado e o qualifica como agente sobre o mundo, sobre a natureza: enquanto espécie, que se objetiva em suas ações e se apropria de seus efeitos, que se torna gênero humano, que se humaniza" (BARROCO, 2001, p.19).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Desse modo, são as criações humanas que nos servirão de instrumentos[3], partindo do que foi construindo concretamente, para o entendimento do criador. Podemos entender que as poesias como fruto da produção humana acumulado, revelam as questões contundentes dos homens de uma dada época. Como

[3] Adotamos o conceito de Leontiev de instrumento:" objeto social no qual estão incorporadas e fixadas as operações de trabalho historicamente elaboradas({19--}287).

podemos observar, nas obras de Brecht, as preocupações com as questões sociais são o tema central, o autor fala o tempo todo do homem expropriado das condições humanas, tendo em vista o momento histórico da sua obra. Defendemos a ideia de que a arte deve ser utilizada como recurso metodológico para o entendimento do homem em seu momento histórico, para isso é necessário que todos os homens tenham acesso ao que foi produzido. Nas palavras de Leontiev:

> O verdadeiro problema não está, portanto, na aptidão ou inaptidão das pessoas para se tornarem senhores das aquisições da cultura humana, fazer delas aquisições da sua personalidade e dar-lhe a sua contribuição. O fundo do problema é que cada homem, cada povo tenha a possibilidade prática de tomar o caminho de um desenvolvimento que nada entrave. Tal é o fim para o qual deve tender agora a humanidade virada para o progresso (LEONTIEV, 1978, p. 283).

Finalizando, desta maneira teremos a sociedade voltada para o desenvolvimento, através do homem que se humaniza por meio das suas criações.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AMARAL, L.A.. **Sociedade X Deficiência.** Revista Integração. Ministério da Educação e Desporto ano 04, no. 09,1992.

BARROCO, S. M. S. **A figura humana na pintura moderna: alternativa para a psicologia e a educação entenderem o homem**. Dissertação de Mestrado em Educação. Maringá: Universidade Estadual de Maringá, 2001.

BARROCO,S.M.S.. **A formação do psicólogo escolar e o estudo do homem contemporâneo: pontamentos de uma supervisora**. ANAIS DO Primeiro encontro paranaense de psicologia escolar: ABRAPEE, 2004.

BOTTOMORE, T. **Dicionário do pensamento marxista**. 2. ed. Rio de Janeiro: Zahar, 2001.

BRECHT, B.. **Antologia Poética de Bertold Brecht**. Disponível em <http://www.culturabrasil.pro.br/brechtantologia.htm#louvor> . Acessado em 22/10/2004.

CHAVES, M.**. Reflexões Sobre História E Educação: A Luta Revolucionária No Teatro De Bertolt Brecht.** 2000. Dissertação de Mestrado em Educação. Maringá: Universidade Estadual de Maringá, 2000.

LENIN,V.I. **O Imperialismo: Fase Superior do Capitalismo.**São Paulo:Global,1987.

LEONTIEV,A.**O Desenvolvimento do psiquismo. ,**1978.

LEONTIEV,A..**O Desenvolvimento do psiquismo.** 1ª. ed. São Paulo:Moraes [19--]

KUENZER,A,Z.. **Pedagogia da Fábrica. As relações de produção e a educação do trabalhador.** São Paulo: Cortez, 2002.

MACEDO, L. **Fundamentos Para uma Educação Inclusiva.**

MARX, K.; ENGELS,F. **A ideologia alemã (I-Feuerbch).** São Paulo: Hucitec,1993.

_____. **O capital:**crítica da economia política. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1994. Livro 1, v. 1

MARX, K. **O Capital.** Volume I. Tradução de Reginaldo Sant'Anna. 14ª edição. São Paulo: Bertrand Brasil, 1994, página 202.

MÉSZARÓS, I.. **Para além do capital**: rumo a uma teoria da transição. Trad. Paulo César Castanheira, Sérgio Lessa. Campinas: UNICAMP, Boitempo, 2002.

MONTAGNARI,E.**Teatro Universitário Em Cenas: referências e experiências.** Maringá .: Eduem,1999.

NAGEL,L.H. **A Crise Social da Deficiência.** Apontamentos no.09,1992.

OMOTE,S.**Constituição Social da Deficiência.** Unesp-Marilia 2003.

PEIXOTO,F. **Brecht:** vida e obra. São Paulo: paz e Terra,1991.

RUSSO,L. **Personagens de nós mesmos,** Revista Viver 1996.

SAVIANE,D.**Escola e democracia.** São Paulo, Cortez/ Autores Associados,1983.

_____.**Pedagogia Histórico Crítica.** Primeiras Aproximações.

SANTOS,M.P.. **A Inclusão da Criança com Necessidades Educacionais Especiais.**

SÈVE,L.. A Personalidade em gestação. In: SILVEIRA, Paulo; DORAY, Bernard (org.). **Elementos para uma teoria marxista da subjetividade.** São Paulo: Vértice, 1989,p.1947.

VIGOTSKY,L.S. **Psicología da arte.** Trad. Paulo Becerra. São Paulo: Martins Fontes,1998.